



**V SINGEP**

**Simposio Internacional de Gest3o de Projetos, Inova3o e Sustentabilidade**  
**International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability**

ISSN: 2317 - 8302

## **Desenvolvimento Sustent3vel na Agricultura Familiar**

**EVELYN GOMES BERNARDO**

UNINOVE – Universidade Nove de Julho  
evelynbernardo21@gmail.com

**HEIDY RODRIGUEZ RAMOS**

UNINOVE – Universidade Nove de Julho  
heidyrr@uni9.pro.br

Agradeço a Universidade Nove de Julho pela bolsa de estudo concedida por meio do Programa de P3s Gradua3o em Administra3o (PPGA) da UNINOVE



V SINGEP

Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade  
International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability

ISSN: 2317 - 8302

## DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AGRICULTURA FAMILIAR

### Resumo

Levando em consideração que a agricultura é uma das atividades fundamentais da humanidade e que dela depende entre outras coisas a alimentação do homem, o presente estudo teve como objetivo de analisar as práticas ambientais das cooperativas de trabalhadores rurais dentro do contexto da Agricultura Familiar em Ibiúna, SP. Para tanto, o referencial teórico da pesquisa fundamentou-se na contextualização da agricultura familiar e o entendimento teórico quanto às práticas ambientais no campo. A estratégia adotada foi um estudo de casos múltiplos visando contribuir com os fenômenos individuais e grupais de agricultores rurais. Os resultados obtidos contribuem para a prática, apresentando a estratégia de cinco modelos de organizações estruturadas em cooperativa e/ou associações que exercem papel fundamental enquanto promotoras do desenvolvimento sustentável da região, promovendo a difusão do conhecimento e orientações técnicas para as práticas ambientais, preservando e contribuindo para a sustentabilidade do meio ambiente. Dentre às 18 práticas analisadas, 4 se destacam com melhor pontuação, são elas: o reaproveitamento dos resíduos orgânicos, economia de energia, análise de solo e conhecimentos referente à legislação ambiental. Demonstrando que os pequenos produtores estão respeitando a legislação ambiental e o meio ande vivem.

**Palavras-chave:** Agricultura Familiar, Práticas Ambientais e Sustentabilidade.

### Abstract

Taking into consideration that agriculture is one of the fundamental activities of mankind and that it depends among other things the power of man, this study aimed to analyze the environmental practices of rural workers' cooperatives within the context of family farming in Ibiúna, SP. Therefore, the theoretical framework of the research was based on the context of family farming and the theoretical understanding on environmental practices in the field. The strategy adopted was a multiple case study to contribute to individual and group phenomena of rural farmers. The results contribute to the practice, with the strategy of five models of structured cooperative organizations and / or associations which play a key role as promoters of sustainable development of the region, promoting the dissemination of knowledge and technical guidelines for environmental practices, preserving and contributing to environmental sustainability. Among the 18 analyzed practices, 4 stand out with better score, they are: the reuse of organic waste, energy saving, soil analysis and knowledge related to environmental legislation. Demonstrating that small farmers are respecting environmental legislation and the means walk live.

**Keywords:** Family Agriculture, Environmental Practices and Sustainability.



## 1. Introdução

A agricultura global enfrentará vários desafios ao longo das próximas décadas. Produzir mais alimentos para uma população cada vez mais crescente, contribuir para o desenvolvimento e redução da pobreza, contornar o aumento da concorrência por produtos alternativos, adaptações às alterações climáticas, e contribuir para a conservação e preservação da biodiversidade restaurando os ecossistemas frágeis são alguns desafios citados por (MacDonald, 2014).

Para o enfrentamento das questões sociais, a Agricultura familiar defende o cultivo da terra realizado por pequenos proprietários rurais como mão-de-obra essencialmente o núcleo familiar, que vivendo do próprio sustento vem buscando melhores condições de vida por meio do empreendedorismo social (Brasil, 2006).

As cooperativas, enquanto promotoras do empreendedorismo social, podem servir de instrumentos de devolução do poder local, uma via promissora para relançar o desenvolvimento sustentável, especialmente num contexto socioeconômico regulando e facilitando as transações dos pequenos agricultores (OCDE, 2008). Lauschner (1994) destaca que no contexto agropecuário, o modelo cooperativo não é diferente, visa reunir os associados e produtores autônomos que compram e vendem em conjunto, por meio da cooperativa.

Dentro do estudo, foi possível observar que Agricultores Familiares organizados em cooperativas conseguem perceber o meio ambiente não mais como um recurso inesgotável, pois a ação humana, como resposta à percepção do homem agrava, às vezes, a situação do campo, permitindo o aparecimento de problemas insanáveis, tais como: erosão dos solos (voçorocas), poluição dos rios e lençóis freáticos, queimadas, escorregamentos de barrancos, enchentes. Isso tudo como contraposição aos frágeis arranjos dos sistemas da natureza, pois estamos usando e consumindo o nosso patrimônio ambiental em ritmos absolutamente desastrosos, impedidos de perceber que ameaçam, não apenas, o meio ambiente, mas, também aos seres humanos (de Oliveira, 2012).

Este é contexto vivido por grupos de cooperativas de produtores familiares de Ibiúna, São Paulo, município com aproximadamente 71 mil habitantes e com 76% de sua população localizada na área rural. O município de Ibiúna vem se destacando na produção de alimentos agrícolas para abastecimento da região metropolitana do Estado de São Paulo e ao mesmo tempo, possui importantes fragmentos de remanescentes florestais pertencentes ao bioma Mata Atlântica (IBGE, 2014).

Considerando esse cenário de grandes produções agrícolas, encontram-se alguns sítios onde pequenos agricultores rurais estão à procura de melhores condições de produção, buscando melhores práticas e estratégias para desenvolverem melhores produtos na região. Para tanto, este trabalho se propõe responder a seguinte questão de pesquisa: Como as práticas ambientais adotadas pelas cooperativas e associações de trabalhadores rurais dentro do contexto da Agricultura Familiar vem influenciando o desenvolvimento sustentável da região.

Para responder à questão de pesquisa o objetivo geral é analisar as práticas ambientais adotadas pelas cooperativas e associações de agricultores dentro do contexto da Agricultura Familiar.

## 2. Fundamentação Teórica

A Diretriz teórica da pesquisa fundamentou-se na contextualização da Agricultura familiar e a sustentabilidade na produção familiar que busca não só garantir a reprodução social mais mostrar as estratégias dos agricultores familiares para suas práticas ambientais e cuidado com a natureza. Neste estudo, o foco foram as cooperativas, considerando seu papel



de articulador local, implantando práticas de gestão ambiental e transformando as dificuldades e obstáculos em oportunidades.

## 2.1 Agricultura Familiar e o Desenvolvimento Sustentável

Os levantamentos históricos sobre a “agricultura familiar” apontam seu marco mais importante em 1990 quando ocorreu a criação de instituições de apoio a este modelo de agricultura. Em 1996, foi criado o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) por meio do decreto Lei nº 1.946, com o objetivo de promover o desenvolvimento rural em regiões deprimidas ou de baixa renda (Decreto Lei nº 1.946, 1996).

Em 2006, foi criada a Lei da Agricultura Familiar, reconhecendo oficialmente o modelo de agricultura como profissão no mundo do trabalho, estabelecendo conceitos, princípios e instrumentos destinados à formulação das políticas direcionadas à Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais, por meio da Lei no. 11.326, que considera agricultor familiar e empreendedor familiar rural como aquele que pratica atividades no meio rural (Brasil, 2006).

Dados mais recente, em 2014 a Organização das Nações Unidas (ONU) destacou este como o "Ano Internacional da Agricultura Familiar" demonstrando o potencial das famílias de agricultores em ajudar a erradicar a fome e preservar os recursos naturais. Buscando elevar o perfil da agricultura familiar e dos pequenos produtores, concentrando a atenção do mundo sobre seu papel significativo no combate à fome e à pobreza, fornecendo alimentos segurança e nutrição, melhorando os meios de subsistência, a gestão dos recursos naturais, proteção do meio ambiente, e alcançar o desenvolvimento sustentável, em particular nas zonas rurais" (MacDonald, 2014).

No Brasil, Abramovay (1997) e Wanderley (1996) se aprofundaram no conhecimento da agricultura familiar, destacando que para as nações do capitalismo (Estados Unidos, Canadá, Europa Ocidental, Japão e Tigres Asiáticos) a base social do desenvolvimento agrícola foi a unidade familiar de produção.

A sustentabilidade aparece como uma necessidade em qualquer meio produtivo. Atualmente, com a preocupação ambiental e a conservação dos recursos naturais, as organizações precisam desenvolver medidas que, atendendo a legislação vigente, amenizem ou eliminem os efeitos gerados ou estimulados por seu processo produtivo ao meio ambiente e à sociedade. Estas práticas possibilitam a continuidade de suas atividades e a melhoria de sua imagem mercadológica como empreendimento sustentável (Kessler *et al.*, 2014).

À medida que aumentam os debates sobre o tema e novas experiências práticas são construídas ao longo do tempo, o pensamento sobre o tema desenvolvimento sustentável evolui enriquecendo e contribuindo com as ciências econômicas, sociais e políticas. Neste contexto, as cooperativas enquanto promotoras do empreendedorismo social, se modernizam, buscando instrumentos de devolução do poder local, via promissora para relançar o desenvolvimento sustentável, especialmente num contexto socioeconômico regulando e facilitando as transações dos pequenos agricultores (OCDE, 2008).

## 2.2 Práticas Ambientais na Agricultura Familiar

A agricultura é uma atividade que permite ao homem produzir alimentos e recursos renováveis e contribui, também, para o desenvolvimento do meio rural. Ao longo dos séculos, a produção agrária tem desenhado paisagens de grande beleza e contribuído para a conservação da biodiversidade através da utilização das terras de uma forma adequada às condições naturais (agricultura tradicional).

O ambiente natural assim como os ambientes construídos são percebidos de acordo com os valores e as experiências individuais dos homens onde são atribuídos valores e



significados em um determinado grau de importância em suas vidas. Neste sentido, o que se percebe do homem no campo é a existência de um saber tradicional, práticas que se manifestam em seu trabalho na terra, pautado por uma relação mais harmoniosa com a Natureza, mas que também incorpora outros saberes, inclusive, elementos de uma ideologia moderna de produção (de Souza, Gonçalves, & Soares, 2011).

Conforme apresentado por Leff (2001), a compreensão desses saberes pode fornecer informações essenciais na definição de estratégias a serem incorporadas pelos diversos atores sociais na construção de suas práticas ambientais e planejamento.

A agricultura, por se utilizar da capacidade produtiva dos recursos naturais, bem como por sua interação com o meio ambiente seja através da dispersão de resíduos, tanto físicos como químicos, possui grande potencial em influenciar os agentes naturais e, conseqüentemente, impactar os compartimentos ambientais. Além disso, é um importante agente econômico e social, tanto pela representatividade da produção de alimentos como também por ser o meio de subsistência de grande parte da população que desenvolve esta atividade na forma de produção familiar, os produtores de agricultura familiar.

Para Assad & Almeida (2004), a agricultura sustentável pode ser compreendida pelo pequeno agricultor, como práticas voltadas para a conservação ambiental, como por exemplo: o uso da compostagem, da adubação verde, do manejo ecológico dos solos, do recurso à luta biológica integrada contra pragas e doenças, que implica no abandono de produtos e práticas consideradas nocivas para as pessoas e para o ambiente.

Os produtores da agricultura familiar estão cada vez mais pressionados a orientar suas atividades a fim de proteger o meio ambiente, seja com o do cultivo tradicional ou do cultivo do orgânico. Estudo realizado com seis produtores rurais no interior paulista, mostra quais são às práticas adotadas mais comuns entre os agricultores vinculados a cooperativa agrícola da região. Algumas práticas de gestão ambiental com foco na prevenção da poluição, tais como gestão dos resíduos, tanto dos domésticos, como das embalagens de defensivos agrícolas, práticas para redução de energia e, ainda, medidas para evitar o desperdício de insumos (de Lima Caires & de Oliveira, 2015).

Dentre as práticas mais adotadas pelos agricultores, a prática de irrigação mais utilizada é a irrigação localizada por gotejamento, prática otimiza o consumo de água pois aplica apenas a quantidade necessária para cada planta, evitando desperdício. Os produtores, em geral, apresentam a preocupação com o tema solo e realizam análise para a preparação adequada antes do plantio, adotam o rodízio de culturas e ainda constroem terraços (degraus para plantar) para evitar a erosão pelo escoamento das águas de chuva. Neste caso, embora todos os pesquisados praticassem a coleta seletiva, a compostagem não foi uma prática comum entre eles, possivelmente por falta de conhecimento sobre os benefícios e a técnica apropriada, como apontado na Tabela 1.

**Tabela 1- Práticas de sustentabilidade mais frequentes nas propriedades rurais**

Práticas adotadas	Nº produtores que responderam que tem a prática implantada
Coleta seletiva	6
Devolução de embalagens dos defensivos agrícolas	6
Medidas para redução do consumo de energia	6
Medidas para redução de desperdício de insumos agrícolas	6
Técnicas de conservação de solo	5
Exigência de uso correto de EPIs pelos trabalhadores	6
Contrata trabalhadores em regime de CLT	4
Segue orientações do receituário agrônomo	4
Tem fossa séptica	5
Tem poço próprio para captação de água	6
Tem e mantém áreas de Preservação Permanente (APP)	5
Uso de agroquímicos conforme receituário agrônomo	4

Fonte: de Lima Caires & de Oliveira (2015)

Essas práticas ambientais quando bem direcionadas, podem se tornar elos de uma estratégia que se utiliza do envolvimento dos agricultores com o intuito do desenvolvimento de soluções sustentáveis. Ações coletivas de famílias no desenvolvimento de práticas ambientais podem ser consideradas inovações institucionais, estratégias para a transferência de tecnologia e desenvolvimento de uma consciência ambiental para o setor (Freitas, Maçaneiro, Kuhl, Segatto, Doliveira & Lima, 2012; Rennings, 1998).

### **2.3 Cooperativas enquanto promotoras do desenvolvimento sustentável**

As cooperativas, enquanto promotoras do desenvolvimento sustentável, se modernizam, buscando instrumentos de devolução do poder local, via promissora para relançar o desenvolvimento, especialmente num contexto socioeconômico regulando e facilitando as transações dos pequenos agricultores (OCDE, 2008).

Para Abramovay (2010), os movimentos sociais influenciam o desenvolvimento territorial por sua própria existência, como forças que atuam no sentido da democratização das oportunidades de geração de renda, e sua extraordinária capacidade de construir organizações econômicas mostra uma força coletiva empreendedora surpreendente. Para se inserirem nos mercados e resistir às desigualdades geradas pelo mundo contemporâneo, os setores populares têm desenvolvido diversas iniciativas de geração de trabalho e renda, como cooperativas e associações (Ferreira, Von Ende, Rossés, Madruga, & Marçal, 2014).

Lauschner (1994) define como modelo cooperativo, grupos de produtores rurais que em conjunto por meio de cooperativas compravam e vendem capaz de assegurar poder econômico e igual para todos. Estimular a organização dos produtores e trabalhadores rurais



por meio de associações ou cooperativas, legitima a sua participação nas tomadas de decisão em atendimento as demandas sociais básicas.

### 3. Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de cunho bibliográfico e de campo, com entrevistas semiestruturadas realizadas junto às cooperativas/associações de agricultores rurais e entidades que apoiam os grupos.

O método de pesquisa qualitativa adotado no artigo, segue inicialmente a teoria de Godoy (1995), tendo como ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental. O contato direto do pesquisador com o ambiente analisado, registrando suas notas e descrevendo seus resultados.

O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões “como” e “por que” certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real. Por outro lado, o estudo de casos múltiplos, o objetivo é descrever mais de um sujeito, organização ou evento, e pretendem estabelecer comparações (Godoy, 1995). Salientando Yin (2001), que as evidências dos casos múltiplos são reconhecidas como mais fortes do que as evidências de caso único.

O método de pesquisa utilizado foi o de multicase ou estudo de casos múltiplos, que conforme Yin (2001) deve conter revisão bibliográfica detalhada e dar atenção às questões ou objetivos da pesquisa, visando contribuir com o conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais e políticos. Eisenhardt (1989) também defende que o uso de múltiplas fontes de dados e a interação com os construtos desenvolvidos a partir da literatura que possibilitam ao pesquisador alcance maior e validade construtiva da pesquisa.

Para compreender os diferentes aspectos e as particularidade de Ibiúna/SP, foi necessário conduzir a pesquisa de forma a reconstruir a trajetória dos agricultores rurais e o primeiro passo foi fazer um levantamento dos agricultores cadastrados o Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária do estado de São Paulo (LUPA), para o levantamento dos dados, identificando 1378 unidades de produção agropecuária de agricultores cadastrados (LUPA, 2008). Para refinarmos a pesquisa, seguindo o critério definido pelo PRONAF para as cooperativas, outro cuidado foi considerar as cooperativas/associação que tenham a Declaração de Aptidão ao Pronaf, (DAP) para pessoas jurídicas (DAP – Jurídica), certificação de acesso aos programas do PRONAF, onde identificamos 544 DAP ativas, 91 desativadas, totalizando cerca de 635, empreendimentos cadastrados. Cruzando as informações dos dados do LUPA e as DAPs, temos uma amostra de 15.4% das cooperativas cadastradas no DAP em Ibiúna/SP. Com esse número e com o auxílio da Secretaria de Agricultura de Ibiúna, “Casa da Agricultura” mediante entrevista prévia com técnico responsável Sr. Carlos Rombini, foi possível identificar doze organizações, dentre as quais 05 (cinco) grupos estiveram dispostos a participar da pesquisa.

As coletas dos dados primários foram realizadas a partir de entrevistas seguindo um roteiro semiestruturado que contou com 16 perguntas abertas e 18 perguntas fechadas seguindo o modelo de Escala de Likert (1967) na qual os entrevistados responderam a cada quesito por intermédio de vários graus de concordância. Muito pouco para práticas pouco realizadas ou muito frequente para práticas frequentemente realizadas.

Para a identificação dos entrevistados que responderam às perguntas abertas, foi realizado um quadro que identifica a cooperativa, cargo e ordem das entrevistas como demonstrado no Quadro 1. Ao todo, foram pesquisadas: 02 (duas) cooperativas e 03 (três)



associações, um total de 05 (cinco) organizações participantes e foram realizadas 15 entrevistas.

#### Quadro 1 – Lista dos Entrevistados das Cooperativas e Associações

Cooperativas/Associações	Cargo do Entrevistado	Identificação nesta Dissertação
APPOI	Presidente	APO1
	Administrativo	APO2
	Coordenador Geral	APO3
APPRI	Presidente	AR1
	Administrativo	AR2
	Tesoureiro/Motorista	AR3
CAISP	Presidente	C1
	Gerente de Produção Agrícola	C2
	Comercial	C3
COAGRIS	Presidente	CG1
	Agrônomo/técnico	CG2
	Administrativo	CG3
APROVE	Presidente ADM	APV1
	Presidente Financeiro	APV2
	Administrativo	APV2

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2015)

## 4. Histórico dos casos

Os dados coletados referem-se a cinco grupos estudados, entre eles, 02 (duas) cooperativas e 03 (três) associações, descritos no Quadro 2.

#### Quadro 2 – Cooperativas e Associações de trabalhadores rurais de Ibiúna/SP.

COOPERATIVAS E ASSOCIAÇÕES	ANO DE FUNDAÇÃO	No. COOPERADOS/ ASSOCIADOS	CARACTERÍSTICAS / MISSÃO DO GRUPO
APPOI - Associação de Pequenos Produtores Orgânicos de Ibiúna	2000	15	Fortalecer e organizar micro produtores orgânicos.
APPRI - Associação dos Pequenos Produtores de Ibiúna	1989	25	Fortalecer e organizar micro produtores a fim de melhorar a comercialização e diminuir o êxodo rural.
CAISP - Cooperativa Agropecuária de Ibiúna	1995	35	Missão: Comercializar verduras e legumes, respeitando o meio-ambiente contribuindo para o bem estar da população e o desenvolvimento socioeconômico dos cooperados, colaboradores e seus parceiros.
COAGRIS - Cooperativa dos Agricultores Orgânicos e Solidários de Ibiúna	1975	20	Cooperativa dos agricultores orgânicos e solidários de Ibiúna. Nasceu com o objetivo de construir um mercado alternativo de comercialização.
APROVE - Associação dos Produtores Orgânicos do Bairro Verava	2007	9	Nasceu com o objetivo de buscar independência, principalmente na resolução de problemas técnicos de produção.
<b>TOTAL DE COOPERADOS / ASSOCIADOS</b>		<b>104</b>	

Fonte: Elaborado pelas Autoras (2015)



#### **4.1 Associação dos Pequenos Produtores Orgânicos de Ibiúna (APPOI)**

A Associação dos Pequenos Produtores Orgânicos de Ibiúna (APPOI), fundada em 2000, com 20 famílias de pequenos horticultores orgânicos, nasceu com a missão de fortalecer o produto orgânico, possibilitando ao consumidor produtos de qualidade e livres de contaminantes químicos (Appoi, 2015).

Os produtores da APPOI estão certificados para produzirem orgânicos por meio da Empresa de Controle e Certificação Internacional (ECOCERT) que atua certificando as cooperativas e associações na região. A Associação se mostra bastante preocupada com os cuidados com o meio ambiente.

Conforme o presidente da Associação APO1, três empregados preparam entregas comerciais, emitem faturas para os produtores e efetuam pagamentos. O entrevistado APO3, explica que cada produtor produz as culturas pertinentes que melhor se identifica, os produtos são lavados, embalados, acondicionados em caixas e enviados a Associação formando assim, um *mix* de produtos. A associação, de forma comercial visa beneficiar o agricultor, fazendo as vendas em conjunto para redes de supermercados, também deixando livre para a comercialização individual de cada cooperado.

A entidade abastece mais de 11 lojas de uma grande rede varejista e para isso acaba buscando parceria com outros produtores da região a fim de atender a todas as demandas. O entrevistado AO2 explica que o produtor acabava arcando com os descontos, devoluções, quebras, burocracia e demora para receber das grandes lojas.

#### **4.2 Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Ibiúna (APPRI)**

A Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Ibiúna (APPRI) nasceu no bairro do Verava e teve como origem o movimento popular denominado “Projeto Campo Cidade/Vida” (PPC/V), iniciado em 1989. Esse movimento surgiu nos encontros religiosos, que contavam tanto com a participação da população rural como da urbana, e só ganhou força depois da criação da APPRI, em 1990.

Foi a partir da discussão sobre como “frear” um quadro social preocupante, como o êxodo da juventude rural, venda dos estabelecimentos e desvalorização do produto agrícola, que foi criada uma forma de alternativa de comercialização dos produtos agrícolas convencionais, mediante a entrega de “kits” aos consumidores urbanos, eliminando praticamente os intermediários e valorizando o produto agrícola. A associação nasceu por meio das seguintes motivações: criar relações de solidariedade entre comunidades rurais; obter legumes a preços justos para os produtores e para os consumidores urbanos. Que conforme o presidente da cooperativa AR1, “os cooperados estavam preocupados com o êxodo rural, jovem que buscavam outras oportunidades na cidade, deixando o campo, a família e as tradições”.

Conforme o entrevistado AR2, no início à associação possuía cerca de 50 horticultores, hoje mesmo diminuindo esse número, 25 famílias de horticultores, fornecem um pouco mais de 2.000 (dois mil) kits por mês, mais de 800 famílias organizadas em grupos de compras.

Conforme os entrevistados AR1 e AR3, os produtores da APPRI, ainda não produzem orgânicos e estão passando por treinamentos para se adequarem aos novos processos de produção que hoje é realizado de forma convencional.

#### **4.3 Cooperativa Agropecuária de Ibiúna São Paulo (CAISP)**

Fundada em 1995, por um grupo de japoneses, a Cooperativa Agropecuária de Ibiúna São Paulo (CAISP) comercializa a produção da horticultura convencional, orgânica,



higienizada e hidropônica. Atende uma ampla rede de supermercados: Extra, Barateiro, Pão de Açúcar, Sonda, Big, Roldão, Rikoy, Macro, Pastorinho, Assai, além de pequenas e médias lojas de hortifrutigranjeiros da capital.

Na sede da cooperativa localizada no centro de Ibiúna, o quadro de cooperados corresponde a 35 produtores cooperados e mais de 50 produtores parceiros, que são responsáveis pelo abastecimento da capital, interior e litoral. Dos 35 associados, 20 são cooperados convencionais, 15 orgânicos, ambos produzindo hidropônicos. A CAISP também possui mais de 50 agricultores não associados que colaboram com produtos convencionais, orgânicos e hidropônicos, devido ao fato de que somente os cooperados não conseguem absorver a demanda do mercado.

Os objetivos da CAISP é, além de manter a boa qualidade de seus produtos, assegurar a permanência dos produtores no campo, agregando valor à produção, melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos no trabalho e contribuir para o desenvolvimento agrícola da região, sem abrir mão da preservação e conservação ambiental, presidente da cooperativa C1.

Conforme o entrevistado C2, a cooperativa possui mais de 200 itens na linha de produção, o produto chega a cooperativa é desmontado e é realizado o processo de: limpeza, embalagem e etiquetagem. Segundo os administrados, as vantagens da implementação desse sistema reduzem os custos de distribuição e estocagem, maior flexibilidade para a prática da segmentação e diferenciação de produto. A CAISP cultiva uma área superior a 600 hectares, produzindo hortaliças convencionais e orgânicas, legumes, frutas, entre outros, com um volume mensal superior a 800 toneladas que abastecem mais de 100 lojas espalhadas pelo litoral, interior e capital. Os produtos que mais ganham destaque na cooperativa são: a alface, o cheiro verde, a escarola, a rúcula, o repolho e a couve-flor CAISP (2015).

Dentre os produtos mais vendidos, C3 explica que os hidropônicos se destacam por apresentarem diferenciais que agregam valor, (com maior durabilidade e mais fáceis de limpar) e os orgânicos (ausência de agrotóxicos). Os agricultores acabam por selecionar a classe socioeconômica que irá consumir os produtos, uma vez que esses apresentam preços mais elevados que os convencionais.

#### **4.4 Cooperativa dos Agricultores Orgânicos e Solidários de Ibiúna (COAGRIS)**

A Cooperativa dos Agricultores Orgânicos e Solidários de Ibiúna (COAGRIS) é formada por mais de 20 famílias que trabalham na produção orgânica há mais de 10 anos. A maioria dos cooperados trabalha e vive no Bairro do Verava em Ibiúna, um importante Polo de Agricultura Orgânica do Estado de São Paulo COAGRIS (2015).

A história da COAGRIS nasce com o presidente CG1, em 1975. Quando, por um acaso, começou a plantar convencionalmente em seu sítio de 16 alqueires em Caucaia do Alto. Inicialmente, a produção era destinada a abastecer a cozinha da fábrica no preparo do almoço dos 350 operários. Na época, nem sabia o que era produto orgânico. Quando ninguém falava de produção orgânica, sonhava em produzir produtos da forma mais natural procurando usar o mínimo de agrotóxicos (Miranda, 2007). Atualmente, a cooperativa COAGRIS, produz alimentos certificados pelo Instituto Biodinâmico - IBD e inspecionados, garantindo produtos saudáveis, isentos de agrotóxicos e irrigados com água de boa qualidade, explica o técnico agrônomo CG2.

Conforme o entrevistado CG1, a produção da cooperativa é intensa, grandes volumes, com padrões de tamanho e qualidade visual para atender as demandas, especializando-se em olerícolas. A quantidade de produtos varia de acordo com o tamanho das áreas e as condições de investimento de cada agricultor, entre 02 e 20 produtos: diferentes tipos de alface; brócolis comum e japonês; cenoura; catalônia; almeirão; couve-flor; couve-manteiga, etc.



Dois engenheiros agrônomos administram a programação entre consumidores e produtores. Conforme o entrevistado CG1 e CG3, “Nossa horta é toda cercada de Mata Atlântica. Imitamos os índios”, conta. A demanda está crescendo. Na Granja, a Cooperativa faz suas entregas aos restaurantes vegetarianos, também dividindo suas atividades na produção.

#### **4.5 Associação Dos Produtores Orgânicos do Bairro do Verava (APROVE)**

A Associação Dos Produtores Orgânicos do Bairro do Verava (APROVE) formada por nove produtores e suas famílias. O produtor, João Dias de Oliveira, um dos presidentes da Cooperativa, foi um dos pioneiros em levar as práticas ambientais e o cultivo da agricultura orgânica para o bairro Verava em Ibiúna. Dentre os cooperados, a idade varia entre 23 a 57 anos. Do total de produtores, quatro são proprietários das terras cultivadas, os outros cinco são meeiros, onde os proprietários são parentes próximos (como pai, mãe ou sogra), um total de nove associados.

Dentre as ocupações da associação, se destacam: um auxiliar de vendas (na cooperativa de comercialização de produtos orgânicos); motorista do grupo (parte da família de um dos integrantes). O presidente da cooperativa, entrevistado APV1, que cursou administração rural pelo SEBRAE. Um dos produtores também fez curso de Produção e Capacitação Rural do SEBRAE. Dos nove produtores, cinco têm outras formações que não contribuem para a gestão da propriedade. A Aprove nasceu com o objetivo de buscar independência, principalmente na resolução de problemas técnicos de produção. A associação, então construiu uma proposta de trabalhar com um grupo de produtores usando metodologia de levantamento de problemas e proposta de soluções em cima das necessidades dos grupos. Os principais problemas apontados na época, eram referentes à comercialização, à compostagem e à qualidade da água. O processo de resolução de problemas foi construído com o envolvimento de todos do grupo. Esse trabalho iniciou, seguindo as regras de certificação.

A Agricultura Orgânica Certificada (AAOcert) escolheu o grupo dentre os produtores da região para iniciar o processo de certificação. Os membros da associação demonstram compreender a agricultura orgânica como uma agricultura sem agrotóxicos, com solo vivo, que melhora a saúde e a qualidade de vida dos produtores e consumidores. Segundo o entrevistado APV1 e APV2, definem a agricultura orgânica como “agricultura ecológico-social correta, que cuida do meio ambiente com produção mais organizada”. Por outro lado, o entrevistado APV3, administrativo financeiro, olha pelo aspecto econômico, disse ser uma agricultura orgânica de vida mais saudável, que traz melhor renda e mais amor porque trabalha sem veneno e com um “preço melhor”. Os produtos são comercializados, atualmente, por meio de uma cooperativa e de empresas comercializadoras da região.

## **5. Resultados**

### **5.1 Análise comparativa das principais Práticas Ambientais**

No roteiro das entrevistas, os grupos foram questionados quanto às práticas ambientais relacionadas diretamente ao perfil e objetivos de cada grupo estudado. Os grupos responderam de 1 a 5, sendo 1 para a prática muito pouco praticada e 5 para prática muito frequentemente praticada, conforme se resume na Tabela 2.



**Tabela 2 – Análise das principais afirmações referente as características relacionadas às práticas ambientais adotadas pelas cooperativas/associações**

Análise comparativa das principais afirmações referente as características relacionadas às práticas ambientais adotadas pelas cooperativas/associações.	Análise comparativa				
	APPOI	APPRI	CAISP	COAGRIS	APROVE
1. A Cooperativa prática a Coleta Seletiva de Lixo?	5	1	4	1	1
2. A Cooperativa prática o Reaproveitamento do resíduo orgânico?	5	4	4	4	4
3. A Cooperativa prática a Economia de água?	5	5	3	4	4
4. A Cooperativa prática o Reuso de água?	5	4	4	4	3
5. A Cooperativa prática Economia de Energia?	4	5	5	4	4
6. A Cooperativa prática o Uso de fontes de energia alternativas?	4	4	3	3	3
7. A Cooperativa prática a Preservação de áreas ambientais?	3	4	3	4	4
8. A Cooperativa prática a Recomposição florestal – plantio de mudas nativas?	5	3	3	3	3
9. A Cooperativa prática a Cultura dos orgânicos?	5	3	5	4	4
10. A Cooperativa prática o Controle de erosões?	5	3	4	4	4
11. A Cooperativa prática a Análise do solo?	5	5	4	4	4
12. A Cooperativa prática a Adubação orgânica?	5	5	4	3	3
13. A Cooperativa prática o Treinamento relativo a questões ambientais?	5	4	4	3	3
14. A Cooperativa participa ou apoia campanhas de Educação Ambiental na região?	5	3	4	3	3
15. A Cooperativa participa ou apoia o Comitê da Bacia Hidrográfica?	4	3	3	2	1
16. A Cooperativa participa ou apoia os movimentos ambientalistas da região?	4	3	4	2	2
17. A Cooperativa participa das atividades desenvolvidas pelas Secretarias Municipais de Ibiúna?	1	1	3	2	3
18. A Cooperativa conhece a legislação ambiental? O que pode ou não fazer referente as práticas agrícolas?	5	4	4	4	5

Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

As análises comparativas foram feitas seguindo as cores: menos praticadas em (vermelho), razoavelmente praticada em (amarelo) e as práticas frequentes e muito frequentes em (verde). Dentre as 18 práticas analisadas, 4 se destacam com melhor pontuação entre os grupos estudados, são elas: o reaproveitamento dos resíduos orgânicos, economia de energia, análise de solo e conhecimentos referente à legislação ambiental, como mostra Tabela 3.

**Tabela 3 – Análise das Práticas Ambientais mais realizadas pelos grupos**

Práticas Ambientais mais realizadas pelas Cooperativas/Associações	Análise comparativa				
	APPOI	APPRI	CAISP	Coagris	APROVE
2. A Cooperativa prática o Reaproveitamento do resíduo orgânico?	5	4	4	4	4
5. A Cooperativa prática Economia de Energia?	4	5	5	4	4
11. A Cooperativa prática a Análise do solo?	5	5	4	4	4
18. A Cooperativa conhece a legislação ambiental? O que pode ou não fazer referente as práticas agrícolas?	5	4	4	4	5

Fonte: Dados da Pesquisa (2015)

### 5.2 Práticas quanto ao Reaproveitamento dos Resíduos Orgânicos

Embora nem todos pratiquem a coleta seletiva, a compostagem é uma prática comum entre eles, possivelmente por também produzirem orgânicos e conhecerem os benefícios e as técnicas apropriadas. Dentre os grupos entrevistados, a APPOI obteve melhor avaliação e reaproveitamento do resíduo orgânico, que conforme o produtor APO1 entrevistado, “os resíduos podem ser usados na fertilização das lavouras, recuperando a fertilidade, melhorando as condições físicas do solo, tornando-o mais permeável e com maior capacidade de retenção de água e penetração das raízes das plantas”. Essa prática gera ganhos econômicos ao produtor rural, sem comprometer a qualidade do solo e do ambiente.



Para a APPRI, conforme o entrevistado APV1, um dos pioneiros na produção de agricultura orgânica na região, “os resíduos orgânicos são utilizados como fertilizantes nas lavouras, recuperando e melhorando as condições físicas do solo, tornando-o mais permeável e com maior capacidade de penetração dos nutrientes nas raízes das plantas”.

Benefícios também defendidos por Padilha, Eberts, Mattos, Miritz & Rodrigues (2010) que apoiam a elaboração de um plano técnico de manejo e adubação, considerando a composição química dos resíduos, a área a ser utilizada, a fertilidade, o tipo de solo e as exigências da cultura a ser implantada.

### 5.3 Práticas quanto a Economia de Energia

A abordagem energética na agricultura ainda é pouco explorada, vista ainda por muitos como energia proveniente somente do sistema elétrico, ou seja, a conta de energia elétrica no final do mês. Depois de explorar o tema e esclarecer que a energia pode estar presente em diversos meios, foi possível identificar práticas comuns entre os grupos estudados, os quais classificaram suas práticas como frequente e muito frequente. As cooperativas que obtiveram melhores resultados foram a APPRI e CAISP.

Os entrevistados da APPRI, AO1 e ARI, relatam que trocaram os equipamentos de irrigação que utilizavam como combustível o diesel por equipamentos elétricos. Conforme o entrevistado AO1 “com isso, conseguimos reduzir os gastos com manutenção do equipamento e o custo com combustível”. O equipamento se torna mais eficiente, consumindo menos com o uso da energia elétrica. Prática também comum entre os produtores da CAISP, que optaram pelo equipamento elétrico. “O conjunto motor bomba é constituído por um motor elétrico, a óleo diesel ou a gasolina, acoplado a uma bomba que tem como função fazer a sucção da água e irrigação da área”, explica o entrevistado C2 da CAISP.

Os entrevistados CG3 e APV2 relatam que começaram a pensar na economia de energia depois de fechar as contas no final do mês, e o custo maior visto por eles ainda é o combustível utilizado nos transportes, máquinas e equipamentos de irrigação. “O jeito foi pensar em outras formas de usar o combustível e buscar alternativas de reduzir o consumo”, conforme foi destacado por APV2.

As práticas para redução de energia também aparecem em estudos realizados pelos autores, de Lima Caires & de Oliveira (2015) sugerindo medidas para evitar o desperdício de insumos revelando que os produtores da agricultura familiar, estão cada vez mais pressionados a orientar suas atividades a fim de proteger o meio ambiente e diminuir seus recursos.

### 5.4 Prática quanto a Análise do solo

Quanto às práticas referentes a análise do solo, todos os grupos classificaram como frequente e muito frequente, pois somente através da análise que o agricultor consegue fazer uma boa adubação no solo, satisfazendo as necessidades da planta, minimizando o uso de adubos, de água, da mão de obra e dos demais insumos utilizados que ajudam no controle de erosões.

Para o presidente entrevistado da APPOI, AP1, “é preciso que se tenha mais cuidado com solo e consequentemente o meio ambiente, pois é dele que veem o sustento da nossa família”. Explica que o cuidado da terra é primordial para uma boa colheita e que isso só se obtém com o tempo, que cada agricultor tem seu tempo e percebe que “se você plantar as espécies nas épocas corretas, fazer uma boa adubação, “orgânica de preferência”, analisando o solo e regando com água saudável, o retorno é gratificante e duradouro, pois terá sempre um solo rico e uma produção farta”.



Conforme os entrevistados da APPRI, independente do sistema de cultivo, seja convencional ou orgânico, é fundamental o preparo adequado do solo, a correção da acidez e a aplicação de fertilizantes em quantidades adequadas, de acordo com as exigências da cultura e considerando a disponibilidade de nutrientes no solo.

De maneira geral, os produtores apresentam a preocupação com o tema solo e realizam análise para a preparação adequada antes do plantio, adotando o sistema de rodízio de culturas apropriado, assim como apresentado na pesquisa realizada por (de Lima Caires & de Oliveira, 2015).

### 5.5 Práticas quanto ao uso e conhecimento da Legislação Ambiental

Quando questionados sobre as leis ambientais, APPOI e APROVE responderam como tema “muito frequente” entre os associados. Os grupos, APPRI, CAISP e COAGRIS responderam como prática frequente entre a maioria dos agricultores. O que pode se perceber que o conhecimento referente a legislação ambiental entre os grupos vinculados à agricultura orgânica (quatro) dos entrevistados é mais explorado.

Conforme o entrevistado AR2, “as leis são importantes, mas que não adianta somente o agricultor ser cobrado”. Nos trechos retirados das entrevistas, realizadas com as cooperativas, pode-se verificar a prevalência dos relatos e reclamações sobre a pouca ou inexistente divulgação da legislação ambiental vigente, bem como, sobre a falta de flexibilidade das leis.

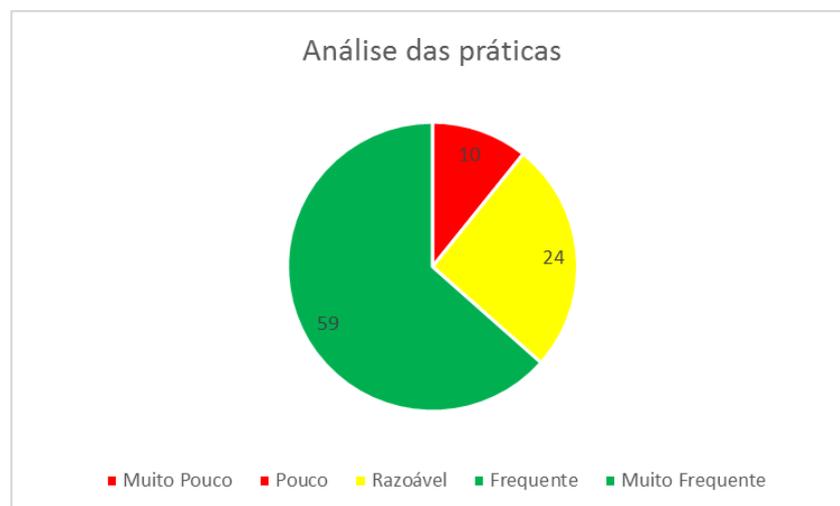
Com relação às opiniões expressas pelos agricultores, a maioria relata que a preservação é uma responsabilidade de todos. Com relação às leis ambientais prevaleceram os relatos sobre a injustiça das punições, falta de informações e excesso de burocracia.

O atendimento a legislação vigente está presente em todos os grupos, o que mostra a preocupação com o meio ambiente e a conservação dos recursos naturais assim como defendido pelos autores (Kessler *et al.*, 2014).

### 5.6 Análise comparativa dos grupos

A análise comparativa dos grupos quanto a frequência das práticas ambientais foi representada na Figura 1.

**Figura 1 - Análise das frequências das práticas ambientais**



Fonte: Dados da Pesquisa (2015)



Das 90 questões pesquisadas, relacionado às práticas ambientais, 59 responderam frequente e muito frequente em (verde), 24 responderam razoavelmente em (amarelo) e apenas 10 foram respondidas em (vermelho) para práticas pouco ou muito pouco praticadas. Os números mostram que mais da 62% das práticas são realizadas pelos agricultores, mostrando que os agricultores buscam formas de preservar o meio onde vivem.

Em primeiro lugar, o grupo que mais protege o meio por meio das práticas ambientais é a APPOI, que apresentou a maior frequência de práticas em 13 das 18 práticas pesquisadas. Mesmo que não seja o grupo mais antigo, com 15 anos de atuação, a APPOI, por meio do plantio da cultura dos orgânicos vem ganhando credibilidade e confiança do mercado, pois pensa não somente em produzir um bom produto, mas em cultivar com respeito à vida e ao meio ambiente.

A CAISP, cooperativa sólida no mercado e uma das mais fortes em Ibiúna, também mostrou um cuidado especial com o meio ambiente e uma grande preocupação em manter seus cooperados sempre atualizados. Mesmo com algumas ideias que ainda não saíram do papel, os representantes da cooperativa demonstram que preocupação com o meio e buscar captar recurso para colocarem seus planos em prática. O essencial o grupo possui, que são os projetos, os sonhos e visão de sustentabilidade que é passada e transmitida aos seus cooperados, representantes, fornecedores e principalmente seus clientes.

Os grupos APPRI, COAGRIS e APROVE, possuem boas práticas, mas ainda precisam continuar aprimorando seus processos, principalmente no que diz respeito a coleta seletiva, apoio e participação no comitê da bacia hidrográfica, movimentos ambientalistas e ações realizados pelo município.

De maneira geral, o que se percebe nos grupos, é o pouco envolvimento dos grupos com representantes de outros movimentos, como por exemplo, o apoio ao comitê da Bacia Hidrográfica, que é de total importância para o abastecimento d'água da produção, sendo sua qualidade e quantidade fatores que podem influenciar ao longo prazo gerando risco financeiro e de saúde através da má qualidade da água. Na região, o grupo ambientalista de maior atuação é o SOS Itupararanga que busca a proteção ambiental da bacia hidrográfica da região, o movimento possui grande influência no comitê da bacia e no plano de manejo da APA de Itupararanga, as associações e cooperativas da região poderiam contribuir mais se apoiassem a ONG em projetos de proteção das nascentes.

Portanto, pode-se perceber que os produtores expressam uma visão positiva sobre o tema, e acreditando em modelos de gestão com orientação à sustentabilidade como forma de desenvolvimento para os seus negócios, reduzindo desperdício e custos, possibilitando acesso a novos clientes e consequentemente o aumento do lucro.

## **6. Considerações finais**

O artigo teve como objetivo analisar as práticas ambientais dos grupos sociais com o objetivo de contribuir para a disseminação dessas práticas e conservação ambiental, identificando a sua influência na adoção de práticas ambientais ao desenvolvimento sustentável do município.

Os resultados obtidos contribuem para a prática, demonstrando como os cinco grupos pesquisados exercem papel fundamental na difusão do conhecimento e orientações técnicas para os demais produtores da região. Dentre às 18 práticas analisadas, 4 se destacam com melhor pontuação, são elas: o reaproveitamento dos resíduos orgânicos, economia de energia, análise de solo e conhecimentos referente à legislação ambiental.

Em primeiro lugar, o grupo que mais se destacou em proteger o meio onde vive por meio das práticas ambientais é a APPOI, que apresentou a maior frequência de práticas, exercendo 13 das 18 práticas pesquisadas. Mesmo que não seja o grupo mais antigo, com 15



anos de atuação, a APPOI, por meio do plantio da cultura dos orgânicos, certificada pela ECOCERT, vem ganhando credibilidade e confiança do mercado, pois exibe a imagem de uma associação que pensa não somente em produzir um produto com qualidade, mas cultivar com respeito à vida e ao meio ambiente.

Podemos concluir que as cooperativas e associações de trabalhadores rurais dentro do contexto da Agricultura Familiar enquanto promotoras da conversação ambiental, demonstram conhecimento técnico e uma boa relação mais harmônica com o meio ambiente. Mesmo com bons resultados, por outro lado é preciso questionar se tais práticas podem ter surgido por questões ambientais fortemente exigidas pelos órgãos legisladores, ou pela redução no consumo e diminuição nos custos gerados pela redução de água e energia no processo de produção ou mesmo pela cultura dos orgânicos (três entre cinco grupos pesquisados praticam a cultura dos orgânicos).

De qualquer forma, seja qual for a motivação, cabe destacar o papel estratégico que esses grupos representam por meio da difusão de capacitação técnica e de mudança no processo de produção, que possibilita aos produtores ganhos na redução de seus recursos, preservação ambiental e desenvolvimento sustentável do município. Evidências também destacadas por Leff (2001), sugerindo que a compreensão e disseminação dos diversos saberes pode fornecer informações essenciais na definição de estratégias. Ou seja, mesmo que as motivações podem ser as mais diversas possíveis, os saberes tradicionais e a troca de experiência pode trabalhar ganhos para ambas as partes, o humano e o ambiental.

Também é importante registrar as dificuldades para elaborar a pesquisa por falta de dados estatísticos oficiais. O município de Ibiúna não possui uma base de dados com as informações dos agricultores familiares da região, somente os grupos mais atuantes e articulados que conseguem se destacar e vencer a concorrência, por isso, diminuição no custo da produção, boa articulação e uso de técnicas conscientes de plantio contribuem para o desenvolvimento do grupo e conseqüentemente da região onde estão inseridos.

Desta forma, o estudo abre possibilidades para a realização de outras pesquisas que contribuam ainda mais para a construção do conhecimento sobre o tema. Ficando como sugestão a pesquisa das práticas em diferentes modelos de produção, seja tradicional ou orgânico.

## Referências

- Abramovay, R. (1997). De volta para o futuro: mudanças recentes na agricultura familiar. *Seminário Nacional do Programa de Pesquisa em Agricultura Familiar da EMBRAPA*, 1, 17-27.
- Abramovay, R. M. (2010). *Representatividade e inovação na governança dos processos participativos: o caso das organizações Brasileiras de agricultores familiares*. Porto Alegre: Sociologias, 12(24), 268-306.
- Appoi. (24 de Outubro de 2015). *Associação de Pequenos Produtores Orgânicos de Ibiúna, SP*. Fonte: <http://www.appoi.com.br/index.htm>
- Assad, M. L. L., & Almeida, J. (2004). Agricultura e sustentabilidade. Contexto, Desafios e Cenários. *Ciência & Ambiente*, p.15-30.
- Barbieri, J. C. (2007). *Gestão ambiental empresarial: conceitos, modelos e instrumentos*. Saraiva, 2 ed. p.92.
- Brasil, L. (2006). 11.326, DE 24 DE JULHO DE 2006. Dispõe sobre as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.
- CAISP. (29 de 10 de 2015). *Home*. Fonte: Histórico : <http://www.caisp.com.br/>



- COAGRIS (2015). *Home*. Fonte: Cooperativa dos Agricultores Orgânicos e Solidários de Ibiúna
- de Oliveira, L. (2012). Percepção Ambiental . *Geografia & Pesquisa*, 6(2).
- de Lima Caires, T. C., & de Oliveira, A. (2015). Práticas de sustentabilidade e interfaces estratégicas em pequenas e médias propriedades rurais do interior paulista. *Estudos Sociedade e Agricultura*. *Estudos Sociedade e Agricultura.*, 62-83.
- Ferreira, G. M. V., Von Ende, M., Rossés, G. F., Madruga, L., & Marçal, D. R. . (2014). Redes Sociais e Economia Solidária: Uma análise das redes de relacionamento de pequenos produtores rurais participantes do projeto Esperança/COOESPERANÇA. *Revista Em Agronegócio e Meio Ambiente*, 7(1), 151-171.
- Freitas, C. C. G., Maçaneiro, M. B., Kuhl, M. R., Segatto, A. P., DOLIVEIRA, S., & Lima, L. D. (2012). Transferência tecnológica e inovação por meio da sustentabilidade. *Revista de Administração Pública*, 46(2), 363-384.
- Decreto Lei nº 1.946. (28 de Junho de 1996). Decreto Lei nº 1.946/96 de 28 de junho. Familiar. *PRONAF - Programa Nacional da Agricultura Familiar*. Brasília, DF, <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/112235/decreto-1946-96?print=true>
- Eisenhardt, K. (1989). Building theories from case study research. *The Academy of Management Review* , Vol. 14, No. 4.
- FAO, O. (1994). Food and Agriculture Organization of the United Nations. (N. 2. FAO Agriculture Series, Ed.) *The state of food and agriculture 1994*.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades. *Rae, São Paulo*, v. 35, n. 2, p. 63.
- IBGE (2014). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Brasil. Fonte: <http://cod.ibge.gov.br/2359W>. Acesso em 18 de Junho de 2015.
- Kessler, N. S., Piccinin, Y., Rossato, M. V., Dörr, A. C., de Freitas, L. A. R., & Marin, A. (2014). Práticas sustentáveis nas pequenas propriedades de agricultura familiar: um estudo de caso. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental*.
- Lamarche, H. (1993). A agricultura familiar: uma realidade multiforme. *Campinas: UNICAMP*.
- Lauschner, R. (1994). Cooperativismo e Agricultura Familiar. *Outubro*.
- Leff, E. (2001). Epistemologia ambiental. *São Paulo: Cortez*. Likert, R. (1967). *The human organization: its management and value*. New York: McGraw-Hill.
- MacDonald, J. (2014). Family farming in the united states. *Amber Waves* <http://search.proquest.com/docview/1518534089?accountid=43603>.
- Miranda, A (2007). *Agricultores Orgânicos*. Fonte: SitedaGranja: <http://www.granjaviana.com.br/print.asp?tipo=noticia&id=21>
- OCDE (2008). Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. *Europeia, C*.
- Rennings, K. Towards a theory and policy of eco-innovation – neoclassical and (co-) evolutionary perspectives. *Discussion Paper*, n. 98-24. Mannheim, Centre for European Economic Research (ZEW), 1998.
- Wanderley, M. D. (1998). O Brasil: agricultura familiar ou latifúndio. *Lamarche, H. A Agricultura Familiar. Campinas, Ed Unicamp*, 2, 27-31.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Bookman editora.